

ALGUMAS LEITURAS DOS DIÁRIOS DE HILDA HILST

Some readings from Hilda Hilst's diaries

Ana Júlia Valezi¹

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo apresentar algumas análises dos diários de Hilda Hilst, localizados no Centro de Documentação “Alexandre Eulalio” (CEDAE/Unicamp). Partindo da noção de *espaço biográfico* (Arfuch, [2002] 2010) e inserida numa perspectiva transdisciplinar, o intuito é apresentar algumas reflexões em torno desses materiais, compreendendo-os como um espaço discursivo de construção de subjetividade e, portanto, pertencentes a uma formação auto/biográfica e memorialística (PERROT, [1998] 2005). Ademais, busca-se prover leituras que permitam concebê-los enquanto diários (Lejeune, 1980; Arfuch, [2002] 2010), além de defender que esse agrupamento possa ser lido como um arquivo (Derrida, [1995] 2001). Ao final, são apresentadas as três dimensões temáticas engendradas na análise, bem como exemplos de cada um dos conjuntos que os compõem.

Palavras-chave: Hilda Hilst; Diário; Arquivo.

ABSTRACT

This essay intends to present some analysis of Hilda Hilst's diaries, located at Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (CEDAE/Unicamp). Starting from the notion of biographical space (Arfuch, [2002] 2010) and inserted in a transdisciplinary perspective, the intention is to present some reflections around these materials, understanding them as a discursive space of construction of subjectivity and therefore, belonging to a auto/biographical and memorialistic formation (PERROT, [1998] 2005). In addition, we seek to provide readings that allow us to conceive them as diaries (Lejeune, 1980; Arfuch, [2002] 2010), and to argue that this grouping can be read as an archive (Derrida, [1995] 2001). At the end, the three thematic dimensions engendered in the analysis are presented, as well as examples of each of the sets that compose them.

Keywords: Hilda Hilst; Diary; Archive.

¹ Mestranda do Departamento de Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Este artigo compõe parte da monografia defendida para obtenção do título de Licenciatura em Letras - Português na mesma instituição. E-mail: ajvalezi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 2020, Hilda Hilst comemoraria 90 anos. Embora a autora tenha nos deixado em 2004 devido a complicações de saúde, seu legado e sua memória persistem, seja pela sua produção literária, seja por suas entrevistas, sua casa-museu, seus colegas e conhecidos, seja, como será o foco deste texto, pelos seus escritos íntimos e privados. A aproximação com o universo de Hilda não foi exatamente pela literatura, como costumam se dar os encontros com escritoras e escritores, mas por meio do Centro de Documentação “Alexandre Eulalio” (doravante CEDAE), onde o fundo de Hilda está abrigado².

Neste ensaio, buscarei apresentar alguns resultados de uma pesquisa, que buscou traçar leituras possíveis para o acervo de Hilda Hilst como um espaço discursivo de construção de subjetividades a partir da concepção de espaço biográfico (Arfuch, [2002] 2010). O estudo é ancorado no pressuposto de que a investigação de um acervo pessoal permite destacar a relação entre memória e construção de subjetividades, não apenas expandindo suas significações para além das produções literárias, especificamente no caso do acervo de Hilda Hilst, mas sobretudo enfatizando a multiplicidade de sentidos e relações possíveis entre os diferentes registros e itens discursivos nele consignados. Objetiva-se, pois, enfatizar não apenas suas produções não literárias, ainda pouco privilegiadas em estudos e pesquisas, mas também os aspectos auto/biográficos da titular, a fim de contribuir com reflexões em torno da formação e produção da memória feminina. Por fim, destaca-se a importância do CEDAE, que se mostra como local fecundo para produções acadêmicas.

DESENVOLVIMENTO

Situando o material: o fundo Hilda Hilst

Até a aquisição dos materiais pelo CEDAE, esses itens estavam abrigados na Casa do Sol, a residência em Campinas em que Hilda Hilst viveu até o fim de sua vida e que, desde 2005, abriga o Instituto Hilda Hilst. Segundo Britto (2016), a decisão de vender seus documentos ocorreu em 1994 e a venda foi dividida em dois momentos: em setembro de 1995 e em setembro de 2003, alguns meses antes de sua morte. Essa negociação aconteceu na Casa do Sol e contou com a presença de representantes da universidade e de amigos próximos da titular.

Uma das possíveis motivações para essa venda pode ser explicada pelas constantes dificuldades financeiras enfrentadas por Hilda Hilst, um tópico bastante recorrente nos exemplares analisados, apresentados à

² O contato com o CEDAE resultou em uma pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), intitulada *Uma leitura biográfica de arquivos femininos: o acervo de Hilda Hilst*, e em minha monografia do curso de Letras, *Auto/biografia-arquivo: o acervo de Hilda Hilst*, publicada em 2021 pela Ofícios Terrestres sob o título *Auto/biografia-arquivo: diários de Hilda Hilst*.

frente. Ainda, pode-se especular que havia uma intenção de disponibilizar para pesquisadores e para a comunidade em geral seus documentos e itens pessoais. Acerca desta questão, destaco uma conversa com Cristiano Diniz, um dos arquivistas responsáveis pela organização do Fundo Hilda Hilst, que me relatou a constante tentativa de Hilda Hilst em separar a sua vida pessoal da sua vida como escritora³, o que faz surgir questionamentos acerca do porquê Hilda optou por vender esses escritos íntimos. Além disso, outro fator que pode explicar essa venda é o vínculo que Hilda tinha com a universidade durante os anos 1980 e início dos 1990, através do Programa de Artista Residente. Nesse sentido, a escolha por destinar seus itens para um centro de documentação vinculado a um instituto de linguagens de uma universidade pública contribuiria para fomentar pesquisas em torno dessa figura, além de assumir um papel significativo e relevante na preservação da memória e do legado de Hilda Hilst.

Entrando no arquivo: apontamentos iniciais

Como etapa inicial da pesquisa, foi feita uma investigação na base de dados da titular, disponível no site do CEDAE, para compreender seu sistema de arranjo e fazer uma pré-seleção do material a ser estudado. A organização desse fundo, feita pelo arquivista Cristiano Diniz, com supervisão da arquivista Flávia Carneiro Leão (Britto, 2016), seguiu as atividades relativas à trajetória da titular e é, atualmente, composto por três grupos: I - Vida Pessoal, II - Escritora e III - Áreas de interesse, cada um deles contendo subgrupos, séries, subséries e/ou itens. Para iniciar a aproximação aos materiais, foram escolhidos alguns itens que pudessem compor o *corpus* de análise. A série selecionada como ponto focal da pesquisa foi Agendas (05), pertencente ao grupo I - Vida Pessoal, uma vez que esses materiais apontavam para as possibilidades de leituras e investigações em consonância com os objetivos de pesquisa. Essa série contabiliza 22 exemplares manuscritos, totalizando 2154 páginas e abrangendo o período de 1973 a 1995, isto é, perpassando quase duas décadas da vida de Hilda Hilst. Até esse momento, porém, não havia a hipótese de que se pudessem tratar de diários, mas enquanto agendas propriamente, isto é, locais em que Hilda escrevia seus compromissos, afazeres, contato de amigos e pessoas próximas, entre outros usos frequentes para esse tipo de material.

O processo de leitura dessas agendas foi bastante extenso, dado o grande volume de material que compõe a série escolhida. Como forma de organizar esse levantamento inicial e, posteriormente, as análises, foram feitas anotações em um caderno seguindo as nomenclaturas apresentadas pelo arranjo do acervo, a fim de sintetizar os escritos lidos. Esse registro seguiu a numeração de cada uma das páginas lidas,

³ Numa entrevista à Carlota Cafiero, José Luis Mora Fuentes, amigo íntimo de Hilda e que participou das negociações e organizações dos itens para venda ao CEDAE, relatou que Hilda se mostrou resistente à entrega de suas agendas e de seus cadernos de anotações, pois neles abordava questões íntimas e pessoais. A isso, ele acrescentou que se tratava de materiais importantes de serem disponibilizados, pois “registram o processo criativo da autora, além de sua personalidade” (Cafiero, 2003, p. 1).

para que o retorno aos exemplares ocorresse de maneira mais precisa e direcionada. Vale destacar, ainda, que a numeração, feita pelos arquivistas responsáveis, se refere às páginas em que há alguma inscrição textual ou de outra ordem, havendo exemplares com várias páginas em branco.

Na busca por caminhos para interpretar alguns dos sentidos memorialísticos desses materiais, apoio-me na noção de *espaço biográfico*, de Leonor Arfuch ([2002] 2010). Baseada nas elaborações de Philippe Lejeune ([1975] 2014), a autora propõe uma ampliação do sentido de autobiografia, a partir das produções discursivas em torno do *eu* que emergem na contemporaneidade, buscando compreender a tonalidade particular da subjetividade contemporânea. Assim, valendo-se da noção de *especialização* anteriormente proposta pelo teórico francês, Arfuch propõe o espaço biográfico como “uma dimensão de leitura” (Arfuch, [2002] 2010, p. 23), um dispositivo analítico que abarca a multiplicidade de formas narrativas interdiscursivas, flexíveis e não hierárquicas que ocorrem simultaneamente. Assim, tem-se o “espaço biográfico como horizonte de inteligibilidade e não como mera somatória de gêneros já conformados em outro lugar” (Arfuch, [2002] 2010, p. 16). Nesse sentido, recorre-se aqui a esse construto como ferramenta de análise que ajuda a ler as agendas/diários de Hilda Hilst não como uma unidade, mas como um conjunto de escritos que comportam em si diversos tipos de multiplicidades.

Passemos agora para alguns apontamentos de cunho teórico e metodológico, com destaque para o que permite, a meu ver, enquadrar esses exemplares enquanto diários, além de pontuarmos algumas características gerais da série. Philippe Lejeune é um dos autores expoentes nas reflexões em torno de autobiografia e que, no final da década de 1980, dedica-se à investigação dos diários íntimos. O autor, afastado de uma análise meramente taxonômica, situa a escrita dos diários pessoais enquanto uma prática, expandindo o que inicialmente se compreendia como escritas de si concernentes ao gênero autobiográfico. O autor aponta, assim, para uma tendência de tornar íntimas e privadas questões que antes cabiam à esfera pública e que encontram nos diários a possibilidade de realização.

É o que Michelle Perrot ([1998] 2005) afirma acerca das escritas femininas, características do espaço doméstico e privado, ainda que sua análise se situe no contexto francês do século XIX. Relacionando a interdição feminina aos espaços públicos, o que ilustra a distinção sexual dos espaços, as mulheres encontraram no âmbito dos registros individuais uma forma de se expressarem e construírem suas memórias e subjetividades, ecoando essa dinâmica social. A historiadora defende que é por meio desses gêneros, como livros de anotações, diários íntimos, correspondências familiares, atribuídos à esfera do privado, da intimidade, que se pode delinear e atribuir sentido também a essa vida feminina, inscrita no ambiente doméstico e que não encontra possibilidade de se realizar em outros espaços.

Com relação aos materiais que compõem nosso *corpus*, a escolha pela designação *agenda* feita na ordenação do fundo deve-se às características desse suporte, como espaço para a anotação de dados

pessoais, números de telefone, contas, calendário, ordenação semanal ou diária, a depender do modelo. Contudo, essas características não definiram a natureza dos registros feitos por Hilda Hilst. Ainda que possa ser possível perceber uma espécie de formatação da escrita ordenada pelas delimitações temporais impostas por esse tipo de suporte, como destaca Lejeune ([1975] 2014, p. 293), é evidente que as formas pelas quais Hilda Hilst se engajou nessa prática ultrapassavam essas imposições e ordens, fazendo dessas agendas seus diários, isto é, espaços privilegiados do registro de aspectos do seu dia a dia e de questões do plano da intimidade.

Ainda sobre outros aspectos levantados por Lejeune ([1975] 2014), o teórico destaca que os diários consistem em uma “série de vestígios datados” (Lejeune, [1975] 2014, p. 296), concepção essa análoga ao assumido no tratamento das agendas, pois ambos se caracterizam pelo que entendo como **fragmentação temporal sequenciada**. Além disso, muitos desses registros continham a inscrição da data em que foram feitos, devido às delimitações temporais impostas pela própria natureza do suporte, como destacado acima. Porém, não há como ter evidências de que uma inscrição feita, por exemplo, sob a data “15 de abril” tenha sido feita de fato neste dia. Há casos, ainda, em que a autora indicava a data de registro – neste caso, foi considerada essa entrada, bem como a indicação da página do exemplar em questão. Por isso, foram indicadas nas análises tanto as páginas dos escritos comentados quanto a possível data em que teriam sido feitos, correspondendo, então, ao local específico do registro.

Destaca-se, portanto, que não havia pretensão de recuperar os momentos precisos em que os registros foram feitos – o que aponta para uma espécie de reconstrução da verdade que, sabemos, escapa às construções discursivas subjetivas – mas compreendê-los enquanto inseridos em uma “rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas” (Lejeune, [1975], 2014, p. 260), nessa sequência descontínua e irregular de impressões (Derrida, [1995] 2001) de si. Ademais, é precisamente sobre a projeção de um devir, o que instaura a dimensão da repetição, que se assenta essa prática. É esse horizonte de expectativa, de um novo registro, que molda a percepção de continuidade, de um fechamento sempre adiado.

Para Lejeune ([1975] 2014), então, a fragmentação e a repetição são marcas indispensáveis dessa prática, independentemente da linguagem, da forma ou do conteúdo, o que implica que sua definição não é orientada pelo conceito de gênero discursivo, mas pelas estratégias de operacionalizar as inscrições autobiográficas, cujo aspecto central é a temporalidade. Nessa esteira, Arfuch ([2002] 2010, p.111) comenta que o que as formas que integram o espaço biográfico têm em comum é o fato de narrarem de diferentes modos – e, portanto, para além do gênero em questão – experiências e trajetórias de vida, por meio de certos procedimentos compositivos, em especial a temporalidade. Reitera-se, assim, o tratamento dado à dimensão temporal que marca as agendas e que se assenta nessa rede (des)contínua de registros.

Um outro traço que marca a prática dos diários diz respeito ao interlocutor desses escritos. Para Lejeune ([1975] 2014), os diários se

destinam ao seu próprio autor, em um momento futuro. Isso é perceptível nos registros de Hilda, especialmente pelas marcas de revisitações, uma das estratégias que será apresentada mais à frente. Já Arfuch ([2002] 2010), buscando explorar questões e aspectos relativos à prática dos diários e inserindo-as no contexto contemporâneo, destaca que, para além daqueles diários cujo único destinatário é o próprio autor, há aqueles escritos com a intenção de serem publicados, visando assim a outros leitores. Neste último caso, os escritos passariam por modificações, supressões e reelaborações, compondo o espetáculo da interioridade.

Essas explicações sobre os destinatários dos diários me levaram a refletir sobre possíveis modificações na escrita de Hilda Hilst quando da negociação de venda de seus materiais para o CEDAE. A hipótese aqui lançada é se o processo de escrita nas agendas, a partir de 1994, ano em que se iniciaram as negociações, foi alterado, levando em consideração que poderiam ser lidas por outros que não apenas ela. Com relação a essa hipótese, destacamos que há apenas mais duas agendas após o início das negociações (as de 1994 e de 1995), o que me levou a pensar se a interrupção da escrita desses diários foi causada pela possibilidade de que os novos exemplares pudessem ser integrados ao acervo e, portanto, disponíveis para outros leitores além de si própria. O objetivo não foi confirmar ou buscar responder a esses questionamentos, mas destacar que o papel desempenhado pela expectativa de leitores, além do próprio autor, pode gerar alterações e modificações nos processos de escrita de si.

Destaco, para encerrar as considerações acerca das práticas dos diários, que ambas as nomenclaturas, *agenda* e *diário*, foram mobilizadas nas análises. Essa escolha metodológica justifica-se para que fosse possível construir diferentes significações para esses materiais e seus efeitos, a depender do enfoque pretendido. Quando são focalizados os registros particulares, as discursividades, optou-se por *diário*. Se, no entanto, a perspectiva voltou-se para as dinâmicas do arquivo, o tratamento do suporte e das materialidades que compõem aquele registro, foi privilegiado o uso de *agenda*. Esse uso alternado, mas não aleatório, possibilita a construção de diferentes efeitos de sentido para esses materiais, multiplicidade essa produtiva para as significações desse espaço auto/biográfico.

Considerando que esses diários estão agrupados em uma localidade específica, com características particulares, introduzimos o conceito de arquivo (Derrida, [1995] 2001) que contribui para descrever e compreender esse tipo de arranjo. O autor, baseando-se na psicanálise freudiana, busca propor um outro conceito de arquivo. Para isso, o filósofo remonta a etimologia da palavra grega *arkhê*, que corresponde tanto a *começo* quanto a *comando*, e destaca que *arkeion*, em grego, remete ao local em que ficavam os arcontes, autoridades responsáveis tanto pelo trabalho de reunir documentos oficiais quanto de interpretá-los. Dessa forma, as características relativas ao espaço em que os diários de Hilda Hilst estão abrigados contribuem para modular e compor suas significações. Isso porque “a estrutura técnica do arquivo *arquivante* determina do mesmo modo a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu surgir mesmo e em relação ao porvir”, sendo que, e destacamos, “[o] arquivamento

produz, tanto quanto registra, o acontecimento” (Derrida, [1995] 1997, p. 24 *apud* Arfuch, [2002] 2010, p. 81, grifos da autora).

É esse campo de forças entre estrutura, autoridade e material que justifica a escolha, até agora não elucidada, pela grafia auto/biográfico, em vez de (auto)biográfico. Amparamo-nos em Barros (2018), que cunha essa forma de escrita, para indicar, em nossa leitura, o trânsito entre os **gestos de Hilda Hilst**, que englobam tanto os aspectos relativos à sua vida a serem registrados quanto a curadoria dos materiais que comporiam seu acervo pessoal, correspondendo aos procedimentos anteriores às negociações com a instituição que adquiriu seus itens, e a **dinâmica do arquivo** como ordenador desses itens, moldando-os. Essa dinâmica inclui não apenas o trabalho dos arquivistas na ordenação dos materiais no arquivo, mas a própria materialidade do arquivo como significativa.

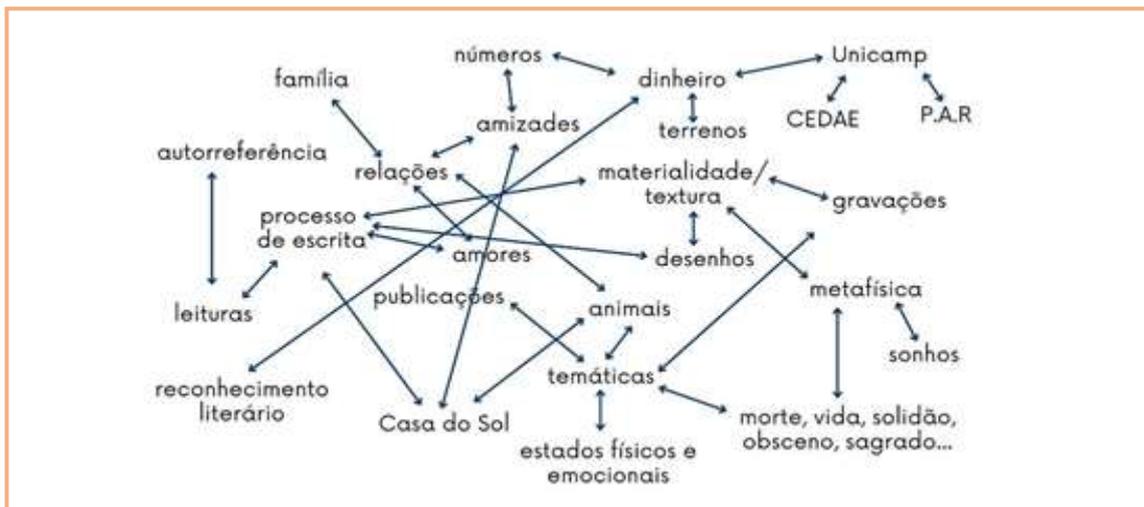
Por fim, destaco algumas estratégias específicas para a leitura desses materiais, baseadas nas teorizações de Arlette Farge ([1989] 2009) e Carlo Ginzburg ([1986] 1989). Em *O sabor do arquivo*, Farge elabora uma busca por traços e construções sobre a cultura popular a partir das elaborações discursivas sobre os sujeitos do sistema judiciário francês e de seu percurso historiográfico em arquivos do século XVIII. Para isso, a historiadora aponta que as materialidades textuais e discursivas podem fornecer caminhos para a articulação de diferentes itens documentais e, portanto, para a elaboração de diferentes arranjos de significação. É possível estabelecer uma semelhança com o paradigma indiciário, o método de investigação historiográfica proposto por Ginzburg ([1986] 1989) calcado na possibilidade de traçar caminhos interpretativos a partir de índices e rastros, mesmo os pouco aparentes em termos discursivos. Encontramos semelhanças entre essas proposições e o processo de análise das agendas aqui apresentado, uma vez que a escrita foi considerada não como mera virtualidade, como signo que intermedia as posições enunciativas sem gerar implicações ou modificações ao texto, mas como materialidade, como parte que significa e que é, portanto, compositiva do texto, aspecto já sugerido por Farge ([1989] 2009), visto que as marcas deixadas no papel, o uso de diferentes cores, a disposição dos escritos na folha, as rasuras e os desenhos feitos por Hilda Hilst compõem e dão significados a esses registros auto/biográficos.

Lendo os diários

A estratégia mobilizada para tratar desse grande volume de material foi um agrupamento temático, dividido em três dimensões principais, de modo a enfatizar certos aspectos recorrentes e que se destacam no arquivo analisado. Esses conjuntos são, portanto, uma estratégia de leitura, uma vez que, nos materiais, esses traços confluem e não seguem essa distinção. A possibilidade de outras articulações temáticas é infundável, nesse sentido, o que se aponta aqui não é uma leitura unívoca nem esgotada desse *corpus*, mas um gesto de buscar observar e compreender esse manejo subjetivo por meio de

registros em uma composição auto/biográfica. Abaixo, o mapa mental ilustra a recorrência dessas temáticas, bem como os possíveis pontos de articulação engendrados na análise:

Figura 1 - Temáticas mais recorrentes nas agendas



Fonte: elaborado pela autora

Um questionamento que poderia surgir é a pertinência de uma análise cronológica em detrimento de uma organização em conjuntos temáticos, em se tratando de diários. Acredito, porém, que ao priorizar essa ordenação temática, é possível perceber a recorrência ou não de determinados assuntos ao longo dos anos e até mesmo as modificações sofridas em cada um desses aspectos. Além disso, como já pontuado, não há evidências materiais que permitam atribuir os registros a determinada localização temporal, o que impediria um arranjo cronológico. O que se observa são inscrições que se ordenam pela fragmentação temporal sequenciada, o que justifica uma análise orientada por conjuntos temáticos. A seguir, estão ilustrados os três agrupamentos propostos, de acordo com as imbricações que foram propostas na análise:

Figura 2 - Divisão dos eixos temáticos mais recorrentes nos diários



Fonte: elaborado pela autora

Primeiro eixo temático

No primeiro eixo, *Eu, Hilda Hilst*, são focalizadas as formas de autorreferenciação, bem como questões relativas ao seu cotidiano, seus afazeres e compromissos, suas viagens, sua situação financeira, sua relação com a Casa do Sol, amigos que a visitavam ou deixavam de fazê-lo, seus vínculos com os animais, seus interesses e seus estados emocionais. A seguir, são destacados alguns exemplos deste conjunto.

Com relação à **autorreferenciação**, não são raros os exemplos em que Hilda fala consigo mesma por meio da primeira ou da terceira pessoa do discurso. Em uma das primeiras páginas do exemplar de 1973, ela escreve “eu sou eu, H.H, não posso ser outra” (p. 24, sob a data 21/1). Ainda neste exemplar, Hilda inicia um diálogo consigo mesma: “Hilda, como você está? Estou como sempre, com sdds⁴ de Julio” (p. 242, sob a data 6/9).

Outro aspecto bastante recorrente em todas as agendas e que perpassa também a sua literatura são suas **inquietações acerca da vida e da morte**. Em 1977, ela escreve “cada vez entendo menos vida/morte” (p. 27 sob a data 31/1) e em 1º de novembro de 1982, Hilda desabafa: “aguento mal tudo isso de vida/morte/efêmero/finitude”. Somadas a essas inquietações, estão seus constantes sentimentos de **solidão**, geralmente atreladas à angústia sobre o futuro e a velhice. Já em 1973, ela confessa: “[à]s vezes tenho medo de ficar uma velha muito sozinha” (p. 27 sob a data 24/1), apreensão que será reiterada nos demais exemplares. Em 1993, na página 35, após briga com Mora Fuentes, ela comenta: “[t]enho que me acostumar c/ a solidão” e, mais à frente, na página 43, reitera “[n]ão gosto de ficar só. Tenho medo”. Na página 98, ela reafirma: “medo das doenças, da velhice, solitária” e mais à frente, na página 104: “[a]qui estou eu, hoje dia 27, comigo, absoluta/só”. Com relação à **velhice**, tem-se no exemplar de 1981, na página 48 (sob a data 13/3), “quero envelhecer em paz”, referindo-se à possibilidade de se mudar de Campinas. Essa questão era, por vezes, compartilhada com amigos, como em 1992, na página 68, quando Hilda conversa por telefone com Lygia Fagundes Telles: “Hilda com 62 anos. Lygia com 69. Estamos velhinhas, mas ainda estamos lúcidas. Graças a Deus. Até quando?”, o que ocorre novamente em 1993, na página 194: “[f]alamos das coisas que nos assustam: velhice e morte. Estamos assustadas. Ainda vivas”.

Ainda no âmbito metafísico e existencialista, destacam-se registros sobre suas experiências com as **gravações de rádios**, sobretudo nos exemplares de 1977 e 1978. Ademais, há menções ao que se poderia entender enquanto sua **dimensão religiosa e filosófica**, com registros acerca de astrologia, I-Ching, análise das fases da lua, cartomantes e videntes, assim como conversas com guias, a quem pede luz e auxílio em uma busca de encontrar explicações e respostas em lugares outros, além

⁴ Os sublinhados, escritos abreviados ou em letras maiúsculas são tentativas de reproduzir, o mais próximo possível, os registros manuscritos das agendas, visto que a digitalização dos exemplares não foi possível, devido à impossibilidade de retornar ao acervo por conta das medidas adotadas para conter a pandemia de covid-19. Outras marcações semióticas ou alguns comentários foram indicadas entre colchetes, quando necessário.

de vários registros acerca de seus **sonhos**, que incluem apenas descrições ou análises mais aprofundadas dessas ocorrências. Observam-se também uma espécie de fixação por **datas** de aniversários e de mortes. Por exemplo, no registro da página 67 (sob a data 11/5) do exemplar de 1987, Hilda escreve sobre um contato que havia feito com sua mãe no astral em 1972 e que envolvia os números cinco e 11, que correspondem à data da inscrição. Especificamente no caso das datas de morte, são praticamente unânimes as inscrições sobre o aniversário de falecimento de sua mãe, em 31 de maio, com exceção de 3 exemplares.

Há, ainda, registros em que Hilda busca **atribuir, por meio da língua(gem), textura e materialidade ao que não tem**, o que é bastante evidente também em sua literatura. No exemplar de 1980(1)⁵, página 9, Hilda escreve: “[h]á 24 dias absolutamente em chamas. Tudo vermelho-vivo” (sob a data 24/1). Ainda, em 1981, página 11, escreve “pensar/não pensar [...] opto pelo sentir [circulado]” (sob a data 3/2). Nesses exemplos, fica evidente que a escrita adquire uma dimensão corporal e corpórea, o que afasta o trabalho literário de uma dimensão apenas intelectual.

Já em termos das suas **amizades**, há exemplos que incluem desde seus questionamentos sobre elas à descrição de visita de colegas, o estado de saúde de seus amigos, além de serem bastante recorrentes menções aos seus **cachorros**. Com relação aos amigos, Hilda parecia dar grande importância àqueles que a contatavam em datas festivas, como Natal, Ano Novo, em especial, seu aniversário. Nessas ocasiões, são frequentes os registros em que ela anotava aqueles que a telefonavam ou visitavam e os que deixavam de fazê-lo. O espaço em que se davam essas relações eram, evidentemente, a **Casa do Sol**, que também parece ser o privilegiado para a escrita de seus diários. Dentre os personagens mais importantes de sua residência está a **figueira**, uma árvore centenária conhecida por atender a pedidos de quem a convoca. Em 1993, na página 49, ela diz: “[a]ndei por aí, chorei muito. Falei com a figueira. Ela também está velha, cheia de parasitas nos troncos”. Nesse último comentário, fica evidente uma aproximação entre Hilda e a figueira, pelo uso do advérbio *também*, o que se percebe, quando ela tece comentários sobre animais, especialmente seus cachorros. Pode-se especular que a árvore e os animais aparecem como seus companheiros assim como marcadores de passagem de tempo e de envelhecimento – o seu próprio e o deles.

Segundo eixo temático

No segundo eixo temático, *A escritora e seus escritos*, o enfoque é a sua dimensão enquanto escritora, tocando em aspectos relativos ao seu processo de escrita, à circulação de seus textos e às relações entre sua vida pessoal e sua literatura.

⁵ Essa notação é para diferenciar os dois exemplares referentes ao ano de 1980. Uma delas, doravante 1980(1), correspondente ao exemplar HH I.5.00005, de acordo com a descrição proposta pelo CEDAE. A outra, doravante 1980(2), corresponde ao exemplar HH I.5.00006.

Um dos processos que compunha essa prática são os **desenhos**, o que é declarado por Hilda em uma entrevista de 1989: “[à]s vezes, quando fico muito tensa e não consigo escrever, aí eu pinto, desenho um pouco. São as horas da respirada” (Coelho, 1989, p. 124). Nas agendas, porém, não há muitos exemplos disso, o que faz surgir a questão do porquê esses exercícios, que compõem seu processo criativo, não foram feitos nos diários, esse espaço em que são inscritos traços de sua intimidade, de suas angústias e dificuldades diante de certos acontecimentos. Outra prática que integra seu processo criativo são as **leituras**. Nas agendas, isso é observado a partir de suas anotações sobre leituras em andamento, além de comentários ou análises sobre o que leu.

Com relação ao seu **exercício literário**, era de se esperar que essa temática ocupasse com grande centralidade seus diários, não apenas porque o escopo temporal das agendas recobre praticamente todo o seu período de produção poética e ficcional, mas porque a escrita parece ser sua grande questão de vida, como a própria titular declara: “sei que a única coisa que sei fazer é escrever” (exemplar de 1973 p. 160, sob a data 5/6). Nesse âmbito, são frequentes os registros que abordam o processo de escrita das obras, como estudo de personagens, opinião de colegas sobre os textos e o andamento da escrita. Um de seus livros bastante comentado e acerca do qual há exemplos dos aspectos comentados há pouco é *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990). Na página 117, em 30 de setembro de 1987, Hilda indica que começa a escrita desse livro. Em 24 de outubro do mesmo ano, na página 124, o manuscrito é passado a limpo e ela acrescenta “[q]uero muito que esse livro que é um lixo seja comentado e que eu ganhe dinheiro e muito. Se querem bosta vão ter bosta. Meu receio é que ainda seja bom (como literatura). Original [grifo da autora]”. Em 1988, na página 41 (sob a data 2/4), Hilda demonstra dúvidas se deve publicá-lo, dizendo que “todos estão contra”, provavelmente referindo-se às opiniões de Mora Fuentes e Lygia Fagundes Telles.

Além das menções às obras específicas, há registros sobre as encenações, as premiações e os trâmites para publicação e tradução, o que frequentemente inclui queixas relativas a pagamentos atrasados ou não realizados e, em especial, à falta de reconhecimento de seus textos. Este último tópico talvez seja o mais recorrente, perpassando quase a totalidade das agendas. Em 28 de fevereiro de 1982, Hilda desabafa: “[m]ais um livro sem leitores? Ou alguma surpresa?”, referindo-se ao futuro lançamento de *A obscena senhora D* (1982). Já em 10 de agosto de 1991, na página 62, Hilda comenta ter ganhado um livro que analisa sua produção teatral⁶ e acrescenta “[d]epois de 25 anos [sublinhado duas vezes] alguém realmente sensível e inteligente analisou corretamente meu trabalho” e, mais à frente, na página 66, adiciona “[n]ão vou mais me queixar disso, de não ser lida. Pessoas lindas me lêem”.

Por fim, outro aspecto que se observa são os momentos em que ela declara **não conseguir escrever**. No exemplar de 1973 há diversos exemplos dessa dificuldade, referindo-se à *Júbilo, memória e noviciado da paixão* (1973), como “[t]entei escrever mas não consegui coisa alguma que valesse a pena” (p. 26, sob a data 23/1) ou “Hilda, o tempo escoando e

⁶ Trata-se de Um teatro da mulher, de Elza Cunha de Vincenzo.

você sem escrever” (p. 200, sob a data 28/7). Já com relação a *Estar sendo. Ter sido* (1997), seu último título em prosa, Hilda declara não ter ânimo para escrever (exemplar de 1994, p. 5, sob a data 18/4), o que parece estar associado à grande angústia e incompletude, já que sua própria matéria é a escrita.

Terceiro eixo temático

Finalmente, no terceiro eixo, *As dinâmicas do diário*, são apresentados traços que permitem identificar essa escrita de si enquanto uma formação auto/biográfica e memorialística por meio da prática do diário. Neste eixo, o que orientou as análises diz respeito à relação entre escrita auto/biográfica e temporalidade, aspectos considerados fundamentais para essa prática, como os apontamentos feitos sobre Lejeune ([1975] 2014) e Arfuch ([2002] 2010) evidenciam.

Como já mencionado, não são frequentes os registros em que é possível atribuir uma data ou temporalidade específica, uma vez que não assumimos a entrada do suporte como parâmetro dessa referência. No entanto, há exemplos em que a própria autora indica essa **delimitação temporal do momento da escrita**, seja pela inscrição do horário ou período do dia em que escreve, como em “[a]gora, meio-dia, estou só em casa” (exemplar de 1988, p. 54, sob a data 24/9) e “6 horas de tarde. Eu e Deus” (exemplar de 1993, p. 85), ou pela data, como “[s]ó comprei hoje dia 17 de janeiro esta agenda” (exemplar de 1994, p. 1) e “[h]oje é dia 19 de outubro de 1995. Só agora aliás ontem é que comprei esta agenda. Foi um ano terrível. Perdi vários amigos entre junho e julho” (exemplar de 1995, p. 1).

Ainda na relação entre temporalidade e escrita, observa-se uma **articulação espaço-temporal**. Devido ao seu caráter íntimo e privado, o lugar privilegiado para essa prática tende a ser o ambiente da casa, do lar, como aponta Perrot ([1995] 2008). Nesse sentido, os registros de Hilda parecem ser feitos exclusivamente na Casa do Sol, com exceção de uma nota. Em 1985, na página 68 (sob a data 5/6), ela diz “vim para Lindoia”, com sua amiga Lygia. Essa, talvez, seja uma das únicas ocorrências em que se percebe que a escrita se dá em um lugar diferente da Casa do Sol, tendo em vista a conjugação do verbo. A Casa do Sol configura-se, portanto, como o local de excelência para a escrita, seja a literária, seja a íntima, particular.

Ademais, há algumas marcas de revisitações aos escritos, isto é, anotações suplementares aos registros, feitas num momento posterior. Essas marcações são perceptíveis, por exemplo, pelo uso de uma caneta de cor diferente da geralmente utilizada nos registros, pelas indicações da própria autora sobre o texto – como “nota posterior”, presente na página 45 do exemplar de 1973 – ou pela inserção de uma outra data na mesma página, para indicar que se trata de uma anotação posterior. Como exemplo deste último recurso, tem-se na agenda de 1979: “[h]oje dia 20 de março de 1993! Foi neste dia 31/12/79 que me apaixonei pelo Wilson e foram meses horríveis. Puro sofrimento até o dia 13 de setembro de 1981 qdo tudo acabou!” (p. 87, sob data 31/12).

Como um desdobramento dessas revisitações, um outro aspecto que chama à atenção é o **interlocutor dos diários**. Como apontado por Lejeune ([1995] 2014), esse interlocutor tende a ser o próprio autor no futuro, o que é possível perceber pelos registros de Hilda. Na página 19 (sob a data 12/2), Hilda prevê melhoras para o restante no ano. Em 20 de outubro desse mesmo ano, ela revisita essa anotação e escreve que ainda está na mesma. Essas reavaliações, que aqui se dão por esse retorno aos escritos, caracterizam as dinâmicas de elaboração subjetiva que, através de registros e inscrições, permitem a construção de uma memória em torno dessa figura. Tem-se, pois, a possibilidade de formação do arquivo de si a partir desses escritos íntimos, o que aponta que o diário se configura enquanto uma prática que concerne o espaço biográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos diários de Hilda Hilst configura-se como uma possibilidade frutífera de expandir os estudos e pesquisa acerca dessa autora, além de apontar, como buscamos demonstrar, para compreensões acerca das dinâmicas da subjetividade e da formação de memória por meio da escrita de si. Ademais, buscou-se contribuir com ferramentas analíticas para leitura de diários e outros tipos de escritas íntimas, que se apresentam como uma prática propícia para a formação de memórias e a construção subjetiva, na articulação com as compreensões sobre arquivo.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro, RJ: Editora da UERJ, (2002) 2010.
- BARROS, N. N. de. **Curadorias digitais de si: o auto/biográfico liminar das linhas do tempo do Facebook**. 2018. 309 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Unicamp, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1634598>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- BRITTO, C. C. **Acervo pessoal e consumo do simbólico: estratégias de produção da crença em Hilda Hilst**. **Museologia e Patrimônio - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Unirio | MAST - volume 9, n.1, 2016**.
- COELHO, N. N. Um diálogo com Hilda Hilst. In: Coelho, Nelly Novaes; LAJOLO, Marisa; MEDINA, Cremilda de Araújo; JOSEF, Bella; LAURITO, Ika Brunhilde; PRADO, Adélia; LADEIRA, Julieta de Godoy; PALLOTTINI, Renata; TAVARES, Zulmira Ribeiro; HILST, Hilda. **Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: GRD; Rio Claro - SP: Arquivo Municipal, 1989.

DERRIDA, J. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, (1995) 2001.

FARGE, A. **O sabor do arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo, SP: Edusp, (1989) 2009.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, (1986) 1989.

LEJEUNE, P. **Je est un autre**. L'autobiographie de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Tradução e organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Tradução de Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, (1975) 2014.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, (1998) 2005.

Contato da autora:

Autora: Ana Júlia Valezi

E-mail: ajvalezi@gmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 01/02/2024